

O corpo docente masculino: suas variações e (in)conformidades

Rogério Machado da Rosa*

Patrícia de Moraes Lima**

Resumo

Nesse texto buscamos cartografar, a partir de uma interlocução com autores como Deleuze e Guattari e Nietzsche, o processo de *variação-deslocamento-multiplicação* do *corpo masculino docente*, a estética das sensibilidades e os agenciamentos corporais que os encontros pedagógicos inspiram. O corpo-docente-masculino, suas variações e (in)conformidades, será tomado como plano de inscrição e veículo das forças afectivas e vibratórias que por ele passa e o coloca em movimento de territorialização, desterritorialização e reterritorialização. Problematizaremos, assim, o lugar do encontro pedagógico como possível dispositivo maquínico, apontando para a ideia de que os agenciamentos produzidos a partir daí operam na criação de experimentações corporais que deslocam o corpo masculino dos lugares consagrados pela norma e o aproxima do corpo-masculino-marginal, preñado de devires e (des)organizado: *corpo sem órgãos*.

Palavras-chave: corpo, docência, masculinidades, criação.

The body teaching male: its variations and (in) conformities

Abstract

In this text we attempt to map from a dialogue with authors such as Deleuze, Guattari and Nietzsche the process of change-shift-multiplication of the male body teaching, aesthetic sensibilities and bodily assemblages that inspire pedagogical meetings. The body-teaching-male and its variations (in) conformities will be taken like a registration plan and vehicle of emotional and vibratory forces which pass by and turn him on territorialisation, deterritorialization and reterritorialization movement. So, we question the pedagogical meeting place as a possible device mechanic, pointing to the idea that the assemblages produced from this place operate in the creation of body experiences that move the male body from the places consecrated by the standard approach to the male-body-marginal, replete with becoming and organized: body without organs.

Keywords: body; teaching; masculinities; creation.

* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

** Professora Doutora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Centro de Educação Departamento de Metodologia de Ensino (MEN), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Introdução

Serres (1994, p. 37) nos inquirir: *Tu te vestes como o roteiro de tua viagem?* A interpelação do autor pode servir para voltarmos a atenção aos modos como fazemos nossas incursões investigativas. O encontro com nossos temas de pesquisas não são produtos de mero acaso. Nossas inquietações, curiosidades e interesses não impulsionam *viagens investigativas*, sem antes deixarem de ter sido, de certo modo, forjadas pelas margens, sinuosidades, encruzilhadas e temporalidades que marcam nossa incessante itinerância na vida.

Pesquisar e criar um estilo de pesquisa implica operar conceitos, encorajar-se de seus usos, de sua aplicabilidade e também de sua ineficácia. Lançar-se ao movimento díspar, irregular, que tem toda pesquisa, e pensá-la sobre tal foco coloca-nos a possibilidade de que estamos produzindo formas de pensamento e de existência.

Toda viagem é esquizofrênica, adverte-nos Gilles Deleuze (1996). Numa viagem investigativa, nossos referenciais e objetivos mudam ou podem mudar no compasso do deslocamento. Tornamo-nos bilíngües e múltiplos tocados pelas surpresas, descobertas e diferentes necessidades produzidas pelo encontro com territórios estrangeiros e linguagens desconhecidas.

Este texto, nossa viagem, visa cartografar, a partir de uma interlocução com autores como Deleuze e Guattari e Nietzsche, o processo de *variação-deslocamento-multiplicação* do *corpo masculino docente* a partir dos blocos de sensações que os encontros nele impregnam, engendrando derivas e inspirando a experimentação do corpo sem órgãos (CsO). Buscaremos trazer à tona a estética das sensibilidades desses agenciamentos. O corpo docente masculino será tomado como plano de inscrição e veículo das forças afetivas e vibratórias que por ele passam e que o coloca em movimento de desterritorializações e reterritorialização: *forças-fluxos* que vibram corporalmente. Problematizaremos, assim, o lugar do encontro pedagógico como possível dispositivo maquínico, apontando para a ideia de que os agenciamentos produzidos a partir daí operam na criação de um *corpo-masculino-marginal*. Brindaremos esse texto com imagens que nos remetem ao encontro que tivemos com as narrativas dos professores em questão, procurando diagramar uma escrita que multiplique nossos sentidos e pensamentos sobre o corpo e seus fluxos...

Nossa *escritura-viagem* fala de um lugar muito específico, a docência. Espaço esse que ocupamos e do qual não saímos ilesos. Na efervescência da relação pedagógica, nossos desejos, performances de gênero, pensamento e estilo de convivência são lançados aos domínios do indiferenciado. Todavia, adverte-nos Deleuze (1991) que, para não sermos diluídos no caos das forças abissais que os encontros forjam, prudência é necessária. Assim, tem sido necessário mantermos “um mínimo, um mínimo de estrato, um mínimo de for-

O corpo docente masculino: suas variações e (in)conformidades

mas e de função, um mínimo de sujeito para dele extraiamos materiais, afectos e agenciamentos” (p. 173).

Assim, cabe aqui, também, a seguinte advertência: o sujeito a ser conhecido nunca será totalmente conhecido, posto que está sempre por vir. Sua linguagem, seus costumes e suas performances são expressões de sua fugacidade. O outro é uma passagem. Sua linguagem talvez seja o mais (im)palpável que possa expressar de si. Skliar (2003, p. 139) argumenta que “o outro não se pode conhecer, nem se pode nomear e ainda que se queira capturá-lo, ele sempre se afasta”. Dando mais ênfase a essa ideia, Derrida (1997) afirma:

No rosto, o outro se entrega em pessoas *como outro*, ou seja, com o que não se revela, como o que não se deixa tematizar. Não poderei falar do outro, convertê-lo em temas, dizê-lo como objeto, no acusativo. Somente posso, somente *devo* falar do outro, chamar-lhe em vocativo [...]. (DERRIDA, 1997, p. 139)

O outro desassossegado, itinerante e fugidio anuncia a impossibilidade de conhecê-lo (pesquisá-lo) empreendendo uma atitude linear que busque situá-lo num antes-durante-depois, ou defini-lo a partir da decifração de seus códigos linguísticos, culturais ou sociais. Na pós-modernidade, argumenta Louro (2004, p.13), “parece necessário pensar não só em processos mais confusos, difusos e plurais, mas, especialmente, supor que o sujeito que viaja é, ele próprio, dividido, fragmentado e cambiante”.

Uma das contribuições importantes que vem costurando alguns autores e autoras, especialmente os pós-estruturalistas, é um amplo questionamento sobre o domínio da razão, ao sujeito racional, livre, autônomo, soberano da modernidade. O que nos atrai nessa perspectiva é como este movimento vem desalojando, empurrando para os limites as formas de verdades que foram produzidas ao longo dos tempos. Sua radicalização não consiste no novo, mas em debruçar-se num movimento de desconstrução da história, não para destruí-la, mas para tomá-la sobre seus diferentes discursos.

Foucault nos permitirá, nessa direção, um olhar muito intrigante sobre a história, principalmente a partir de seus estudos genealógicos – a história é vista por suas discontinuidades, por aquilo que vaza, com isso, crítica a perspectiva da linearidade histórica, presentifica os acontecimentos, suas histórias, mas, sobretudo, sua política (DELEUZE, 1991).

A genealogia faz um tipo especial de história (VEIGA-NETO, 2004, p. 66). Trata-se de uma história que procura a gênese no tempo, não para buscar um “momento de origem”¹ mas para escutar a história em seu próprio funcionamento, em sua materialidade, o(a) genealogista [...] aprende que “atrás das coisas há ‘algo inteiramente diferente’, não seu segredo essencial e sem data,

mas o segredo que elas são em essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas”(p. 67).

O corpo sem órgãos (CsO)

Em “*O Anti-édipo*”, Deleuze e Guattari, inspirados no dramaturgo e diretor de teatro Antonin Artaud, (re)criam o conceito de corpo sem órgãos, opondo-se à ditadura do corpo organizado em órgãos, alvo dos mitos, disciplinamentos e essencializações biológicas. O corpo sem órgãos instaura-se e opera em espaços intervalares. É feito de devires os quais nunca se alcançam e que, por isso, é um corpo por vir. É exatamente essa característica do CsO, a fugacidade, que o torna resistente às instâncias disciplinadoras que desejam confinar o corpo num aparato meramente biológico.

As máquinas desejanter (estado, família, igreja, escola, etc.), movidas pela lógica da falta, pretendem nomear e estabilizar o corpo. Buscam sua conformidade e produzem organismos que fazem o corpo padecer. O que Deleuze e Guattari (2004) nomearam de *corpo sem órgãos (CsO)* é exatamente o oposto a isso: amorfo, indiferenciado, sem organização, inconsumível. É um corpo sem imagem, mas isso não significa que o corpo sem órgãos é o nada, pelo contrário, ele é pleno de intensidades. O CsO repudia as máquinas desejanter, mas também as atrai e apropria-se das mesmas:

O corpo sem órgãos é produzido como um todo, mas no seu lugar próprio, no processo de produção, ao lado das partes que ele não unifica, nem totaliza. E quando se aplica, se rebate sobre elas, induz comunicações transversais, somas transfinitas, inscrições plurívocas e transcursivas sobre sua própria superfície, onde os cortes funcionais dos objetos parciais são sempre recortados pelos cortes das cadeias significantes e os de um sujeito que aí se descobre. (DELEUZE ; GUATTARI, 1996, p. 46)

Como ponto de partida para análise nesse texto, escolhemos algumas² narrativas de professores que participaram como sujeitos de uma pesquisa³ em nível de mestrado para dialogar com a pergunta que Deleuze herdou de Espinoza, qual seja, *O que é possível ao corpo?* A pergunta é provocativa. Remete-nos à ideia de corpo como potência, que tem poder de ação sobre o mundo e sobre si próprio. Também nos permite supô-lo em seus limites, fragilidades e (im)possibilidades. E a pergunta segue ecoando: “o que é possível ao corpo?”. Parece importante lembrar que o corpo é muito mais do que supomos que ele seja. Comporta dores, paixões, afetos, traumas, emoções, desejos e virtudes. O corpo é lugar de todo acontecimento. É o lugar onde a vida ganha vida. É também o lugar onde a morte se materializa. O corpo nasce do imbricamento entre natureza e cultura. Ele é puro movimento, e, numa visão mais pessimista, é possível dizer que seu movimento o conduz para o seu próprio fim. Todavia, o

O corpo docente masculino: suas variações e (in)conformidades

corpo torna-se o que é no intervalo existente entre seu início e seu fim. O intervalo é o lugar mais fixo que ele pode habitar. É, paradoxalmente, o lugar onde suas linhas velozmente se cruzam e se lançam para outras conexões, outros abismos e intensidades.

Com efeito, a materialidade do corpo também é marcada por divisores étnicos, de classe social, de gênero e sexualidade, por exemplo. São processos indissociáveis e simultâneos que conferem ao corpo um caráter plástico, móvel e plural. Percebemos que são múltiplas suas formas de expressão e modos de organização e que sua materialidade está intimamente associada às suas maneiras de inserção no mundo.

Isso se evidencia na fala de um professor, sujeito da pesquisa, quando se referia ao lugar do corpo no ofício docente:

Então, eu acho que ser professor, de alguma forma, é ser pretensioso. É gostar de ter seu corpo em evidência. Eu acho que, quem não consegue lidar bem com o próprio corpo, não consegue ser um bom professor, porque eu acho que essa evidência que o professor tem; essa coisa do não anonimato exige de nós um bom nível de autoconhecimento. Consciência de si. Eu percebo que a gente vai caminhando e as pessoas vão nos reverenciando pelo fato de sermos professores. Por mais que a gente tenha dificuldade de perceber isso, quando um professor vem numa direção, todo mundo se abre no corredor para que ele passe e todo mundo o cumprimenta, não importa se as pessoas gostam ou não gostam, mas todo mundo o reverencia. E dependendo do professor, você até abaixa a cabeça, ou você se lança e abraça e beija, mas tem essa coisa da reverência mesmo. Você passa e as pessoas se afastam pra você passar, ou você entra na sala e uns se sentam, ou vêm ao teu encontro. (Entrevistado 02, 2009)

Esse professor fala do corpo e suas possibilidades. Fala do poder afetivo do corpo. Fala dos poderes do corpo e sua capacidade de alterar os espaços por onde transita e também da sua capacidade de ser afetado e transformado pelo contato com outros corpos e espaços. Fala ainda da conquista e perda da identidade de professor. Ressalta que ela se dá num processo de exposição do corpo à alteridade. Contudo, se partimos da pergunta “o que é possível ao corpo?”, cabe perguntar também: de que corpo estamos a falar?

Um corpo biológico, construído por órgãos, tecido e uma sequência de DNA, objeto de pesquisa, que, na contemporaneidade, atingiu seu pico? O corpo da ciência, da engenharia genética, que faz experimentos como o da clonagem e estudos a partir das *células-tronco*? O

corpo, objeto da medicina, que tem vísceras, intestinos, que possui um fora e um dentro, esmiuçados nas radiografias, em exames cada vez mais complexos e por aparelhos que escrutam os lugares mais recônditos e acabam por realizar um ideal de visibilidade que exclui o sujeito de seu saber? O corpo, imerso em intrincadas relações de poder, que se apresenta como marcas de distinção da sociedade? O corpo supliciado e outrora exibido em praças públicas, alvo de repressão penal? O corpo dócil, domesticado pela disciplina e pelo trabalho? O corpo, vigiado em todos os seus pontos por um olhar invisível? O corpo da moda, cuja roupa que o encobre pode trazer a assinatura do estilista, a *griffe*, ou apenas o corpo nu, despojado de qualquer vestimenta ou adorno, sem não, contudo, portar traços, dobras e grifo próprio? O corpo, que sai do espaço privado da casa e ganha as páginas dos jornais, as propagandas de TV, os anúncios das revistas, os *outdoors* da cidade e transita pelas ruas? (LINS ; GADELHA, 2002, p. 81)

O professor em sua narrativa experimenta um corpo pulsante, potente e atravessado por desejo e prazer. Corpo que se altera ou mesmo se (re) organiza na experiência do encontro com outro corpo. Narra um corpo que está para além de um organismo organizado em partes e órgãos. Mas que corpo seria este? O corpo que se aproxima do CsO de Deleuze e Guatarri?

Aqui cabe uma digressão trazendo a imagem textual do dramaturgo Antonin Artaud quando coloca em cena a primeira aparição de um corpo atravessado por outras linhas, pela poesia. Provém de Artaud a inspiração na qual arte, vida, poesia e realidade encontram-se num espaço onde se conectam fluxos e delírios comunicativos. As linhas, ora produtos do acaso, ora inventadas por nós, compõem-nos. Ele assim se narra: *Eu sou homem pelas minhas mãos e meus pés, meu ventre, meu coração, minha carne, meu estômago, cujos nós me reúnem à putrefação da vida*. E segue, poeticamente:

Quem sou? De onde venho? Eu sou Antonin Artaud, e basta dizê-lo. Imediatamente, vereis o meu corpo atuar. Voar em estilhaços e em dois mil aspectos notórios. Refazer um novo corpo. Onde nunca mais podereis esquecer-me. (ARTAUD, 1983, p. 161)

O corpo docente masculino: suas variações e (in)conformidades

Figura 1 – El Teatro de la Crueldad – Dibujo de Artaud



O autor parece falar de um corpo em estilhaços que produz outro corpo. Feito de linhas de forças que cruzam, se chocam e se lançam para múltiplas direções. Um corpo feito de linhas errantes, sem direção e que desenha um *corpo-movimento*, dançante. Nele tudo começa. Tudo termina e escapa. Um corpo em devir? Um corpo fora de órbita? Fora da lógica? Transgressivo? Seria esse o corpo sem órgãos que também encontramos em Deleuze e Guattari? Atemo-nos ao que os autores têm a nos dizer sobre o CsO:

O CsO não é desejo, mas tem desejo. Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas. Ao corpo sem órgãos não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite. Diz-se: que é isto – o CsO – mas já se está sobre ele – arrastando-se como um verme, tateando como um cego ou correndo como um louco, viajante e nômade na estepe. É sobre ele que dormimos, velamos, que lutamos, lutamos e somos vencidos, que procuramos nosso lugar, que descobrimos nossas felicidades inauditas e nossas quedas fabulosas, que penetramos e somos penetrados, que amamos. (DELEUZE ; GUATTARI, 1996, p. 28)

O corpo sem órgãos desafia a lógica, a simetria e a linearidade. É o corpo da experiência, com suas próprias forças. É o corpo livre da interpretação e do juízo cultural que impedem a construção de novos modos de vida e organização a ele.

Na experiência docente, podemos encontrar expressões desse corpo que desliza sobre os platôs que permanentemente atuam sobre a sua territorialização.

Sem dúvida nenhuma, o corpo do professor tem potência. Uma vez foi engraçado... Eu saí para buscar... Acho que giz, não me lembro bem, e quando entrei na sala, assim, uma aluna olhou pra mim e falou: professor, o senhor não caminha. O senhor flutua. O senhor desfila. Essa coisa de toda a idealização, o que poderia ser uma “bichice” na rua, passa a ser um diferencial na escola. Até a própria expressão que a aluna utiliza, “o senhor não caminha, o senhor flutua, desfila...”. Aí eu brinquei: uma borboleta, não é? Parece uma borboleta, não sei o que... a gente ficou rindo com essa coisa. Isso mostra que o teu corpo é algo muito presente, sobretudo na relação com os alunos. (Entrevistado 01, 2009)

O corpo do referido professor parece desterritorializar-se e assumir diferentes sentidos, formas, nomes e modos de expressão. Nesse caso, encontramos um corpo em devir. Um corpo leve e traçado por intensidades velozes, pois, segundo a aluna, ele não caminha, mas *flutua e desfila*. Esse corpo-docente é marcado por certa “bichice”, que na *rua seria um problema*, mas na escola e na relação com os/as alunos/as, passa a ser possível. Passa a ser “um diferencial”. Nesse caso, notamos que a relação pedagógica apresenta-se com lugar de inventividade e mesmo de transgressão dos corpos. O professor fala de um diferencial, um diferente sentido fertilizado pelo encontro. Um sentido que briga e se recusa a fazer qualquer sentido, porque ainda não é maculado pela norma. Temos nesse exemplo um corpo-docente-presente, conforme afirma o professor, mas, contraditoriamente, é um corpo ausente também. É um corpo sem lugar, errante, espantoso e “meio embriagado”. Corpo outro, não aquele feito de órgãos e partes organizadas, e sim, desestabilizado, trôpego e entorpecido de novos sentidos. Esse corpo ainda não territorializado coincide com o corpo que se lança a novas descobertas e que insiste em não se adestrar. A esse respeito, comentam Lins e Gadelha (2002):

Através do corpo, as crianças “exploram meios”, para empregar a expressão de Deleuze, atmosferas, trajetos. Experimentam intensidades nos mínimos gestos. As crianças também não têm um corpo autônomo e isolado. A exploração dos meios faz-se graças a devires – devir tal tonalizado de luz, tal medo do esconderijo. O corpo é a potência do devir. Por isso as crianças têm

O corpo docente masculino: suas variações e (in)conformidades

horror ao “dodói”, à ferida, a qualquer marca de pele que a mão se apressa a examinar, a comentar, a tratar. Por esse meio ela lhe dá um corpo, cortando a potência do devir do corpo para o territorializar ali, na borbulha, no órgão, na queimadura do órgão, na queimadura do braço. [...] Estão a fazer-lhe um corpo, manipulando, cortando seus devires. Antes, ele ia e devinha, e atravessava as forças do mundo; agora tem um corpo presente. Naquele furúnculo ou na “barriga que está com fome”. (p. 146)

Percebemos, na narrativa do professor, o devir animal do seu corpo. Ele conta o que ouve da sua aluna ao entrar na sala. Diz a aluna: “O senhor não caminha, o senhor flutua, desfila”, e segue: “Aí eu brinquei: uma borboleta, não é?”. Ele se associa a uma borboleta. Um corpo alegre, que voa e ri do modo como se experimenta e acontece. Um corpo que está para chegar e não um corpo que reclama sua originalidade. Ao contrário, podemos perceber que, como em passos de dança, o encontro do professor com a aluna produz relativo descontrolo dos corpos de ambos. Há lugar para o afeto, o gracejo, o sarro e o riso. Esses corpos dançarinos se alargam em suas possibilidades quando embalados pelos movimentos do balé do encontro e passam a ser habitados de modos diferentes, prolongam-se. Nasce um corpo cheio de possibilidades, híbrido, bizarro. “Para habitar melhor seu corpo e também comandá-lo, esqueçam-se dele, pelo menos em parte. É necessário certa inconsciência dele” (SERRES, 1994, p. 43). Sim, um corpo que se desterritorializa, abre-se para o mundo e afirma-se no movimento de diferenciação que imprime. Ele de(s)cola-se de si.

Isso também aparece na narrativa de outros professores entrevistados.

O corpo grita! (risos) De várias formas. A libido, a fantasia... Que acontece. Quer dizer, enquanto tu vai ouvindo a fala do outro tu vai interagindo com ele, ao mesmo tempo, às vezes tu se entrega a eles em pensamentos. E eu acho que por isso que há tanta resistência de abrir esse espaço, porque abrir um espaço significa se expor aos riscos e esses riscos, às vezes, te transformam. E o corpo grita, o corpo vai junto. O corpo também sente essas mudanças. Então, tu vai vendo outras possibilidades. (Entrevistado 01, 2009)

Temos em Deleuze e Guatarri um corpo que desliza e escapa. Ele é rebelde, portanto. É atravessado por eixos, graduações e intensidades e não por representações. O CsO é feito do que é vivido. São forças, potencialidades, derivas, limites e graus que se dão por aproximação e distanciamento e constroem estados intensivos. O CsO é um acontecimento singular, passageiro e intenso. Ele é produzido na experimentação das forças puras, contudo não é um corpo vazio, mas transbordante. Ele transborda de intensidades que o corta

e o (re)define permanentemente. É um movimento veloz; um salto no abismo; um perigo e/ou uma provocação; um devir corpo e não um *a priori*. Ele escapa a toda interpretação e/ou significação. Como um nômade, está em todos os lugares e em lugar nenhum. Um corpo híbrido.

Recriando o corpo masculino docente

Temos, no caso dos professores citados, corpos riscados e rabiscados que assumem o desejo e a possibilidade de (re)invenção de si. Atravessados por afecções de múltiplas grandezas, particularmente por aquelas que brotam das forças vibratórias que o encontro entre os corpos possibilita, o *corpo-docente-masculino*⁴ (trans)forma-se. O vigor da atmosfera relacional e o calor dos corpos que se encontram borra os sentidos, engendra desejos e abre fendas corporais por onde a vida passa e reivindica sua natureza plural.

Para Nietzsche, nossa existência é agonística e se exerce numa tensão permanente. A dimensão nietzschiana do trágico, da tensão, da luta, provoca a destruição e criação de nós mesmos. Isso porque ao mesmo tempo em que nos constitui, paradoxalmente, também nos aprisiona e nos liberta; através das pequenas mortes que potencializam novos gritos.

O corpo grita! Grito agonizante diante das pequenas mortes, necessárias para a celebração de uma nova vida? Grito de prazer pelo vislumbre de outras possibilidades para si? Grito de dor pelo rasgo causado pela alteridade? Grito de vitória pelo vislumbre de novos sentidos e de uma nova imagem de si? Seria o grito, a voz dilacerada do corpo? Ou o som que expressa em seus ecos a potência do corpo?

Figura 2 – O Grito – Edvard Munch



O corpo docente masculino: suas variações e (in)conformidades

A essa altura, ouvindo o grito do corpo-docente, estamos diante do que Derrida (2002) chamou de “escrita do corpo”? “a palavra soprada” que risca o ar, vibra e traça a diferença. O corpo-docente-gritante em “trabalho de parto”, parindo diferenças? Um corpo-máquina,⁵ ou uma máquina-órgão, paradoxalmente produtora de multiplicidades e diferenças, como denominaram Deleuze e Guattari (1996, p.7):

Isso funciona por toda parte: uma vez sem parar, outras descontinuamente. Isso respira, isso aquece, isso come. Isso caga, isso fode. Mas que asneira ter dito o isto. O que há por toda parte são máquinas, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas, com as suas ligações e conexões. Uma máquina-órgão está ligada a uma máquina-origem: uma emite o fluxo que a outra corta. O seio é uma máquina de produzir leite e a boca uma máquina que se liga a ela. A boca do anorético hesita entre uma máquina de comer, uma máquina de falar, uma máquina de respirar (ataque de asma). É assim que somos todos “bricolours”, cada um com suas pequenas máquinas. Uma máquina-órgão para uma máquina-energia, e sempre fluxos e cortes. [...] Algo se produz: efeitos de máquinas e não de metáforas.

Nas narrativas dos professores citados, encontramos corpos grávidos de possibilidades, potentes. Em *Zarathustra*, Nietzsche põe em evidência a potência do corpo. O corpo aparece nessa obra como uma veemente contraposição ao imperativo moral. Talvez o próprio corpo-máquina do qual falam Deleuze e Guattari tenha sido inspirado no corpo-potência do filósofo alemão, que assim falou em *Zarathustra*:

Quero dizer a minha palavra aos desprezadores do corpo. Não devem, a meu ver, mudar o que aprenderam ou ensinaram, mas, apenas, dizer adeus ao corpo – e destarte, emudecer. “Eu sou corpo e alma” – assim fala a criança. E por que não se deveria falar como criança? Mas o homem já desperto, o sabedor diz: “Eu sou todo corpo e nada além disso; e alma é somente uma palavra para alguma coisa no corpo”. O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um único sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor. Instrumento de teu corpo é, também, tua pequena razão, meu irmão, à qual chamas de “espírito”, pequeno instrumento e brinquedo da tua grande razão. “Eu” – dizes; e ufanas-te desta palavra. Mas ainda maior – no que não queres acreditar – é o teu corpo e a sua grande razão: esta não diz eu, mas faz eu. (NIETZSCHE, 1986, p. 31)

À moda de Nietzsche, poderíamos, ainda, perguntar: é possível saber o que pode o corpo? E quando falamos do *corpo-docente-masculino*, é adequa-

da a mesma indagação? Nietzsche diria que, assim como o mundo, o corpo é um perpétuo vir-a-ser, é movido pela vontade de potência, e que não se fixa jamais. Esse corpo errante, rebelde e desejante, alerta-nos Foucault (1984), opõe-se à força da moral. O corpo como vontade de potência resiste e nos faz ir mais adiante. Ele resiste aos dispositivos disciplinares como a escola, a igreja, a prisão, o exército, o estado, o hospital, que estão a serviço da captura e controle da potência e da dimensão criativa do corpo. Percebemos uma ambivalência entre um corpo perseguido e um corpo que escapa. O corpo mirado pelo poder disciplinar é o corpo orgânico, mas o corpo que nasce da resistência aos dispositivos disciplinares é o devir: corpo sem órgãos.

Referências

- ARTAUD, A. **Escritos**. Porto Alegre: L&PM, 1983.
- BOURCEIER, M. H. **Sexopolitique: queer zones 2**. Paris: La Fabrique Editions, 2005.
- CONNELL, R. W. **MasculiniTIES**. México: Cambridge: Polity Press, 1995.
- DELEUZE, G.; GUATARRI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto et al. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- _____. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- DERRIDA, J. **Violência e metafísica**. In: DERRIDA, J. La escritura y La diferencia. Barcelona: Anthropos, 1997.
- _____. **Torres de Babel**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- DELEUZE, G.; GUATARRI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 4/. Tradução de Aurélio Guerra Neto et al. São Paulo: Ed. 34, 2004.
- ENTREVISTADO 01. **Excerto da narrativa de um professor**. Entrevista transcrita por um dos autores do texto e concedida em 05/10/2009.
- ENTREVISTADO 02. **Excerto da narrativa de um professor**. Entrevista transcrita por um dos autores do texto e concedida em 22/10/2009.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade (Vol. II: O uso dos prazeres)**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LINS, D.; GADELHA, S. (Orgs.). **Nietzsche e Deleuze: o que pode o corpo?** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

O corpo docente masculino: suas variações e (in)conformidades

OLIVEIRA, P. P. de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

ROSA, R. M. **Corpos híbridos na docência**: narrativas de si, experiências e (des)construção das masculinidades no magistério. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC, 2009.

SKLIAR, C. **Pedagogia (improvável) da diferença**. E se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&S, 2003.

SERRES, M. **Filosofia mestiça**: le tiers-instruit. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

_____. **Atlas**. Madri: Madri, 1994.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & a Educação**. 2 ed. Belo Horizonte, 2004.

Notas

¹ Veiga – Neto nos coloca que ‘quando operamos esta crítica’ estamos nos referindo ao sentido “duro” da palavra *origem*, como “o lugar da verdade”, mas que também podemos entender a *origem* como *proveniência*, como um ponto de recuo no tempo em que o eu inventa para si uma coerência (VEIGA-NETO, 2004).

² Na composição desse texto, dedicamos cuidado especial na escolha de fragmentos narrativos das vozes dos professores que nos auxiliaram a criar zonas de vizinhanças com o conceito de CsO de Deleuze e Guattari. Assim, cabe ressaltar que diante da complexidade e variação desse conceito, não buscamos uma aplicabilidade direta e espelhada entre as narrativas docentes e noção de CsO propriamente dito. O que está em jogo, é um exercício de *dançar* através do conceito e dele extrair sua multiplicidade. Isso nos permitiu operar analiticamente no campo dos estudos e pesquisa sobre as masculinidades.

³ Os excertos escolhidos para análise nesse texto são provenientes do trabalho de pesquisa de mestrado de um dos autores desse texto. ROSA, R. M. **Corpos híbridos na docência: narrativas de si, experiências e (des)construção das masculinidades no magistério**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC, 2009.

⁴ Essa expressão tangencia um percurso de estudos sobre as masculinidades a partir das contribuições de autores como: BOURCEIER (2005); CONNELL (1995); OLIVEIRA (2004).

⁵ Segundo Deleuze e Guattari (1996), por máquina se entende a combinação de elementos sólidos cada um dos quais com a sua função especializada, e funcionando sob controle humano para construir um movimento e executar um trabalho. As máquinas são produções de produções, sistema de produção de fluxos e cortes que se prolongam, incessantemente, para outros estados.

Correspondência

Rogério Machado da Rosa – Rua Mário Coelho Pires, n. 701, ap. 602 - CEP: 88101-280, Campinas, São José, Santa Catarina.

E-mail: rogeriomachado6@yahoo.com.br – patricia.demoraes@gmail.com

Recebido em 13 de março de 2012

Aprovado em 10 de outubro de 2012